

O ANTICLERICALISMO DO JORNAL “A LANTERNA” NARRADO ATRAVÉS DE IMAGENS

BREINER DA COSTA VALCANTI*

A criação de títulos de periódicos operários e anarquistas no estado de São Paulo foi demasiadamente extensa. Constatamos que no período da Primeira República foram fundados 149 jornais, sendo que 53 (35,5%) deles foram editados em idioma nativo dos imigrantes. Além disso, a maioria dos fundadores dos jornais em língua brasileira eram estrangeiros, sendo assim podemos levar em conta que estes imigrantes almejavam politizar um núcleo geral dos trabalhadores, tanto imigrante como brasileiro. Assim, acreditamos que o número de operários que não dominavam a língua portuguesa era alto (FERREIRA, 1978:90-91).

Diante de tantos jornais fundados em São Paulo selecionamos *A Lanterna* em virtude de sua permanência durante longos anos na história do Brasil, além disso, o grupo que editava este periódico fundaria, posteriormente, *A Plebe*, um dos jornais anarquistas de maior expressão no Brasil. *A Lanterna* foi fundada em 7 de março de 1901 e continuou sendo editada até 1953, sendo que houve períodos de interrupções.

“Precisamos de um jornal”, disseram-se um dia os camaradas Benjamin Mota, Neno Vasco, Alessandro Cerchiai, Juan Bautista Perez, em uma das reuniões em que junto a outros anarquistas trocavam sonhos de uma sociedade futura. Diversos grupos articularam-se em torno do novo jornal e uniram os empenhos de propaganda num esforço coletivo. Era o ano de 1902. Esforços para viver de outra forma. Criar o homem novo e com ele um mundo novo. Um jornal em português, tentativa de criar uma identidade” (TOLEDO, 1993:48-49).

Partindo desta inspiração gradualmente começaram a se multiplicarem os jornais “revolucionários” no Brasil, no ano de 1901 o advogado Benjamin Mota fundou *A Lanterna*, permanecendo em sua direção até 29 de fevereiro de 1904. Sua primeira tiragem impressionou com 10 mil exemplares, dada as dificuldades do período este número é um tanto expressivo. A nova fase de *A Lanterna* vai de 17 de outubro de 1909

* Mestrando em História pelo programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Campus de Franca). Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

a 19 de novembro de 1916, publicando 293 números e ainda tendo Benjamin Mota como cooperado. Porém a direção foi destinada a Edgard Leuenroth.

“Sob a direção de um grupo de companheiros de luta” tendo à sua frente o gráfico, jornalista, arquivista e membro da FOSP – Federação Operária de São Paulo Edgard Leuenroth, com o objetivo de continuar a ‘desvendar todas as patifarias clericais e trabalhar pela emancipação da consciência humana’” (OLIVEIRA, 2008:32).

De maneira geral *A Lanterna* possuía um posicionamento anticlerical bem claro, sendo que a maioria dos artigos que compunham cada edição se relacionava com a Igreja Católica. De quando em quando encontramos alguns artigos sobre acontecimentos da época sem relação religiosa, porém, a maioria das seções e colunas do jornal dedicava-se exclusivamente ao combate contra a Igreja Católica, seja de forma direta ou indireta.

Em várias edições d’*A Lanterna* constatamos a presença de imagens, como desenhos, charges, caricaturas e fotografias, sendo assim, partimos para o estudo específico deste trabalho, porém vamos nos concentrar principalmente nos desenhos. Mas antes de tratar das imagens, precisamos entender um pouco mais sobre o que se divulgava nas edições do periódico, bem como da metodologia que embasa o estudo deste tipo de fonte.

Apesar de ainda existir pouco estudo que releve as imagens como fonte principal de abordagem, constatamos que gradativamente a historiografia vem se debruçando cada vez mais sobre este tipo de documento, principalmente devido às representações visuais. Apesar da fonte textual possuir seu grau de importância sabemos que em determinados períodos históricos a alfabetização era muito escassa, portanto as imagens em suas diferentes formas, como pintura, escultura e desenhos possuíam um alto teor de comunicação.

“Em resumo, as imagens nos permitem ‘imaginar’ o passado de forma mais vívida. Como sugerido pelo crítico Stephen Bann, nossa posição face a face com uma imagem, nos coloca ‘face a face com a história’. O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas” (HASKEL apud BURKE, 2004:17).

Durante os períodos históricos percebemos a necessidade do ser humano em se expressar através de imagens, seja para louvar a natureza, uma divindade ou um governante, seja para afrontar algo que um artista ou um grupo estava buscando combater. Na Revolução Francesa surgiram diversas caricaturas que satirizavam a figura do rei e da Igreja Católica, como também símbolos que exaltavam uma nova idéia a ser construída, como “a cocarda, o barrete frígio, o feixe lictório e a lança, também o nível, o olho e a montanha onde os inimigos da liberdade são fulminados por um raio” (VOVELLE, 1997:166). Sendo assim, “no começo, havia a imagem. Para onde quer que nos voltemos, há a imagem.” (JOLY, 1996:17).

A partir dessa reflexão constatamos que na Primeira República brasileira os grupos anarquistas e operários lutaram por meio de diversos mecanismos em nome de seus objetivos sociais. Objetivaram a união do operariado dentro de um ideal comum, lutando contra a autoridade da “burguesia”, propondo novas formas de vida, definindo sua cultura e sua organização para uma resistência política e social eficientes (RAGO, 1987:13).

Um dos mecanismos usados pelos anarquistas para a conquista da união dos trabalhadores era a educação, além da Escola Moderna, usavam também outros meios pedagógicos para educar e doutrinar os operários e sua família, como o teatro e os jornais. Os jornais eram os responsáveis por comunicar os abusos das autoridades governantes e de seus agentes, que para os anarquistas se encontravam tanto na “burguesia” como no clero. Além disso, buscavam conscientizar e educar os operários para a prática dos ideais e ações anarquistas.

“A imprensa anarquista e operária, ligada aos sindicatos que eram formados, contribuiu sobremaneira à divulgação dos ideais do movimento e suas ações políticas, trazendo também um caráter didático e doutrinário. Para garantir a educação política de seus membros e espalhar seu ideal na comunidade, os anarquistas faziam grande uso dos jornais e impressos” (GONÇALVES; NASCIMENTO, 2008:360).

Como explanado anteriormente, os jornais buscavam informar e educar os operários, sendo assim diversos artigos eram destinados a denunciar alguns acontecimentos escandalosos na sociedade, principalmente quando se referia a agressão e exploração dos trabalhadores. Em uma coluna d’*A Lanterna*, em um texto com o título de “capital e trabalho”, o autor – não se identifica, usa apenas a inicial R. para assinar o

artigo – reflete acerca dos filhos dos trabalhadores, afirmando que as crianças não possuem um futuro promissor porque não têm acesso à educação e restam-lhes apenas continuar no mundo do trabalho como seus pais.

“Perguntas verdadeiramente ociosas essas: o filho do proletario segue a condição paterna – desde tenros annos é jungido á canga do trabalho, afim de auxiliar os pais, que não ganham o necessario para viver, e não lhe sobra tempo para aprender. Se, por uma tenacidade e força de vontade extraordinarias, consegue mal lêr e escrever, é com sacrificios ingentes, sacrificando as horas do repouso, tão necessario a elle, que tanto se exhausta num serviço pesado de longas horas [...] Os nossos governantes, os nossos poderes vêem, de manhã, sob um frio que estarrece, passar pelas suas janellas esse bando de innocentes, - almas puras arremessadas á miseria humana, as mãozinhas roxas de frio, sem o menor amparo contra o frio que corta, muitas talvez, sem uma chicara de café no estomago [...] Que se importam elles? Os seus filhos dormem em fôfos acolchoados, com creados eaios que delles se occupam, bem vestidos, bem educados, bem tratados...” (A Lanterna, 1912, Ano 12, n. 142: p.2).

A partir dessa constatação observamos a denúncia sobre a situação em que se encontram os filhos dos operários, uma pesada descrição que busca elevar os sentimentos do leitor, demonstrando quão cruel era a realidade de uma criança pobre. Em seguida responsabilizam diretamente os governantes por esta situação, e mais no fim da citação comparam com as crianças da classe mais rica da sociedade, que não precisam se preocupar porque não correm o risco de ter uma experiência de vida tão desagradável. Sem dúvida a preocupação sobre a infância estava presente no meio operário, expressado principalmente através dos jornais; vários artigos foram publicados denunciando a exploração intensa do trabalho e conseqüentemente o alto índice de mortalidade infantil, o discurso se encontrava dentro de um campo de moralidade que reivindicava a volta dessa criança para o lar familiar e para a educação (RAGO, 1985: 135-136).

Nas páginas d’A *Lanterna* a maior ênfase é dada ao combate à religião, apesar do jornal possuir textos relacionados a outros assuntos, como religião e movimento operário, seus artigos são em maior número dentro de uma postura anticlerical. Através de um discurso mais radical os anarquistas denunciavam nas páginas d’A *Lanterna* a correlação existente entre os clérigos e os capitalistas, pois os primeiros seduziam os operários com seus discursos religiosos tornando-os passivos (OLIVEIRA, 2008:47). Sendo assim, o próprio jornal definiu no que consistia seu ideal anticlerical.

“Luta contra os padres, para mostrar as contradições da sua vida com a sua doutrina [...] Discussão filosofica e historica dos dogmas e mitos, isto é, o anti-religiosismo, luta contra a base teorica da Igreja [...] Luta contra a influencia politica da Igreja – pela acção directa, pela propaganda extra-parlamentar [...] Propaganda para mostrar o poder economico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado [...]” (A Lanterna, 1913, Ano 13, n. 181: p.1).

Além da parte textual dos jornais comumente havia uma imagem que ilustrava os acontecimentos relatados, variavam entre desenhos, caricaturas e fotografias. O contexto estudado foi marcado por um grande número de analfabetos e pessoas que ainda não compreendiam a língua portuguesa no meio operário. A imagem era um grande instrumento de educação política que facilitava a compreensão do leitor. A maioria das imagens era de fácil entendimento, mostrava os personagens e contextos sociais que os operários bem conheciam (GAWRYSZEWSKI, 2009:19). “As expressões visuais possuem notável poder de comunicação, alcançando efeito superior ao do discurso verbal [...] O suposto é que as imagens têm capacidade de transmitir mensagens com concisão e clareza inigualáveis [...]” (MOTTA, 2006:17)

Partindo desse pressuposto os anarquistas tentavam atingir o operariado através de textos e imagens contidos nos jornais, educando-os para uma conscientização e prática anárquica, a fim de lutar por um novo mundo. De forma específica, as imagens levantavam diversas simbologias que compreendiam o imaginário desta idéia, como maneira de descrever o operário, o “burguês”, o sacerdote, o governante, e também a presença de detalhes determinantes em alguns desenhos: bandeiras, instrumentos de trabalho, ícones femininos representando a Liberdade e a Justiça, a cruz, grilhões, dentre outros.



Imagem 1 – A Lanterna, 1916, Ano 15, n. 289, p.1

A **Imagem 1** representa a vitória do anarquismo sobre a “sociedade burguesa” na forma feminina, que levanta a tocha acesa iluminando a sociedade para um novo mundo. Porém, o mais interessante nessa imagem são os detalhes, a mulher pisa sobre escombros: espadas quebradas, representando tanto o fim da guerra como a inutilidade que este objeto representa para a nova sociedade em que será construída; a cruz, revelando a queda da religião; uma lápide com a inscrição “ley”, ou seja, o sepultamento de todas as leis burguesas que dominavam e “escravizavam” o trabalhador; cadeados representando a libertação do homem; livros que fazem uma alusão ao fim dos ideais burgueses e das doutrinas religiosas; e uma coroa que a princípio alude à queda do rei, mas pode ser interpretada como a queda de um governante.

“Dentro de uma perspectiva educacional, pedagógica, ou seja, de mostrar, ensinar e difundir o ideal libertário, de denunciar e desnudar o sistema capitalista, podemos visualizar, por meio das imagens, as péssimas condições de alimentação e trabalho; os mártires e heróis dos trabalhadores, a repressão policial e a invasão e destruição da imprensa (‘empastelamento’); a necessidade de organização, o primeiro de maio, as festas e comícios; a ação direta (boicote e greve) e outras tantas questões que os trabalhadores sentiam e viviam” (GAWRYSZEWSKI, 2009:22-23).

O ponto de vista de interpretação dessas imagens deve partir do método iconológico pois ele nos permite fazer uma síntese de um contexto e cultura específica, por exemplo, a **Imagem 1** pouco significado teria ao ser apresentada a um trabalhador do Oriente, pois os símbolos presentes na figura representam uma cultura própria do Ocidente. A iconologia denota algo interpretativo com uma exata análise das imagens, de seus símbolos e alegorias, buscando revelar os preceitos de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica (PANOFSKY, 2002:52-54).

Portanto, constatamos que os jornais anarquistas buscavam atingir o operariado através de métodos que mesclavam textos e imagens, denunciando acontecimentos, divulgando idéias e explanando um mundo novo, através de uma escrita concisa e direta, assim também constituíam as imagens.

Sabemos que a publicação de imagens nos jornais anarquistas era de fundamental importância para seu objetivo, pois, além de grande parte dos operários – grupo alvo dos periódicos – serem analfabetos, as imagens propiciavam leituras da sociedade que nem sempre eram possíveis através de textos. Sendo assim “é reconhecido que a imagem supre algumas das dificuldades do leitor analfabeto, do imigrante que não compreende o idioma local ou do cidadão despolidizado” (KOSSOY, 2003:15).

A imagem também era necessária dentro de um âmbito da construção da identidade desse operário, buscando re-criar a sociedade de acordo com a visão dos editores, anarquistas ou operários, dos jornais, e com um objetivo final de revelar a sociedade tal como ela se constituía.

No caso da prática libertária, a imagem tinha papel privilegiado ao construir-se no plano do discurso e das gravuras, buscando abordar o ser humano em suas várias dimensões sensíveis. Utilizava-se a imagem como arma para a difusão de seus valores no meio operário, travando-se uma luta contra os estereótipos depreciativos produzidos pelo Estado e pela grande imprensa (AZEVEDO apud PINTO, 2010:599).

Relacionando esta análise com as imagens propagadas pela *A Lanterna* podemos adicionar um inimigo mais importante para este periódico, o clero, pois devido ao caráter anticlerical do jornal o maior inimigo do operário era a Igreja, pois ela persuadia a sociedade para a conformidade, em não reagir a nenhuma injustiça social e repressão, ou seja, ela era uma aliada do Estado “repressor e burguês”.

Sendo assim, *A Lanterna* buscava, nas charges e nos desenhos propagados, criar uma outra imagem do clero, não daquele padre puro e salvador, mas diabólico, explorador e sanguessuga da sociedade, especialmente do operário, o grande escravo da sociedade que estava sofrendo. Por exemplo, a **Imagem 2** transmite a figura de um clérigo guloso, vide sua expressão que remete a uma sensação de perversidade e ganância, sendo que a ação da imagem demonstra o ato de se alimentar, porém de uma forma eufórica e não-civilizada, ou humana, come como um animal insaciável. Já a **Imagem 3** relata a idéia do padre pedófilo, presente no desenho uma criança, identificável pelo tamanho e pelo uniforme, que sugere ser escolar, e um padre, visivelmente por causa das vestes e do corte de cabelo (tonsura). A ação da imagem é a criança correndo desesperadamente, devido seus passos largos e os braços ao alto, e o padre correndo atrás e num último ato de captura se jogando em cima da criança. Sem dúvida alguma a figura sugere a pedofilia, pois era a intenção do jornal criar esta imagem negativa dos religiosos, como inimigos da sociedade, dos trabalhadores, e o perigo que eles representação a suas mulheres e filhos, devido ao poder que detinham sobre eles dentro da Igreja.



Imagem 2 – A Lanterna, 1914, Ano 13, n. 260, p.3



Imagem 3 – A Lanterna, 1914, Ano 13, n. 260, p.2

Destaca-se a simplicidade dos desenhos e algumas vezes até grotescos, porém a intenção de alguns deles não era provocar uma análise profunda, mas um olhar direto e de simples identificação da ação, isso é muito perceptível nas imagens acima, pois logo que se lança o olhar já é possível de captar a mensagem contida.

“Os desenhos cômicos efetivamente são concisos; em poucos traços o artista deve transmitir uma mensagem que, muitas vezes, é composta de vários elementos. Precisa fazer-se compreender rápido sob pena de

enfraquecimento do efeito cômico desejado ou perda do interesse público. [...] O surgimento do desenho de humor permitiu maior aproximação das classes subalternas em relação à política. A caricatura ajuda a traduzir os eventos, conflitos e grandes personagens políticos para a linguagem popular, tornando tais temas mais palatáveis para indivíduos iletrados e/ou socialmente excluídos. Ele contribui para desmistificar e dessacralizar o poder, mostrando líderes e chefes de Estado como seres humanos falíveis e, eventualmente, ridículos” (MOTTA, 2006:18).

As imagens n'A *Lanterna* também procuravam “desmistificar e dessacralizar” personagens, porém não um presidente, deputado ou qualquer político, mas o padre, o bispo, o papa. Procuravam alertar o trabalhador que estes sujeitos não são “santos religiosos” mas seres políticos, que na sociedade estão a serviço do “poder”, além disso, são humanos e como tal têm os desejos como qualquer pessoa. “Inúmeras foram as representações do padre e da freira violando o voto de castidade: padres com famílias, freiras grávidas [...] o objetivo [...] era denunciar a hipocrisia da igreja e destruir a autoridade clerical.” (GAWRYSZEWSKI, 2009:36).

Sendo assim, a maioria das imagens presentes n'A *Lanterna* é de temática anticlerical ou relacionada a ela, em alguns momentos atacavam diretamente a Igreja Católica e em outros relacionam a Igreja ao Estado. Buscavam demonstrar como era a atuação do clero junto à sociedade e Estado, relevando como a Igreja estava imersa na política. (PINTO, 2010:600).

Como foi comentado anteriormente, percebe-se nas imagens uma forte relação com o texto, ora de forma direta, ora indireta, ou seja, às vezes a imagem representava especificamente o artigo apresentado na devida página, no sentido mesmo de ilustrar o acontecimento ou assunto, em outros momentos a imagem apenas representava a idéia do que está sendo comentado.

“Enquanto pesquisadores devemos estar atentos à função da imagem nos jornais, visto que ela complementam a leitura da informação escrita. Percebemos que existe um constante diálogo entre imagem e texto cuja sintonia se dá em função dos textos inteligentes, imagens instigantes e técnicas sofisticadas de impressão. Assim, cabe ao intérprete avaliar a relação que estas imagens têm com o mundo interior e exterior do leitor procurando imagina como se opera o encontro entre esses dois universos” (KOSSOY, 2003:13).



Imagem 4 – A Lanterna, 1912, Ano 11, n. 142, p.1

A **Imagem 4** faz referência direta a dois artigos na primeira página da edição, ao lado da caricatura, que satiriza o padre belga Júlio Maria Lombaerde (1878 – 1944) que chegara ao norte do Brasil em 1912, região onde se encontrava o autor do artigo, o anarquista José Martins Fontes, este que deve ter assistido palestras e conferências deste padre, pois em seu artigo refuta as idéias religiosas dele. Padre Júlio dedicou sua vida a lutar contra os hereges, dentre eles os que se opunham ao catolicismo, sendo que em um dos seus livros “conclama os fiéis católicos a lutar contra os ‘inimigos’ da Igreja, em cujas fileiras estava [também] o protestantismo.” (SIMÕES, 2006:1). No jornal fica muito claro o embate que se travou com este padre, pois relata um debate marcado entre ele e o livre-pensador Carlos Dias. Além disso, o chamavam de profeta Julio, demonstrando como a imaginação religiosa desse padre estava passando dos limites, tanto que na caricatura relata que ele transformou a Igreja em um teatro, em que lá iria revelar “2 novas”.

“Outra inverdade do bonzo Julio Maria é a de afirmar que Christo ensinou a fraternidade. Se Christo, o bonzo môr, cuja existência historica é bem duvidosa, ensinou tal ‘novidade’, é mais que provavel que commetteu um miseravel plagio, porque é certo, certissimo, que 5 seculos e meio antes que elle sonhasse nascer, o chinez Confucio (Kung-Fu-Tseu) e outros philosophos persas e hindús já haviam pregado o ‘amai-vos uns aos outros’ e o ‘não façais a outros o que não querieis que vos fizessem’” (A Lanterna, 1912, Ano 11, n. 142: p.1).

Esta caricatura também se destaca por seu tom humorístico, a idéia embutida é da deformação da figura do padre, um ser de baixa estatura, mal encarado, segurando o discurso em uma das mãos e esperando a chegada de fiéis. Detalhe para a legenda da imagem, “crianças e cachorros nada pagam!”, ou seja, a idéia de que a Igreja Católica buscava a todo preço angariar novos fiéis, principalmente na representação do Padre Júlio Maria que era um missionário.

As charges, falando de um modo geral, são engraçadas, divertidas e estimula o riso, neste sentido as temáticas anticlericais d'A Lanterna agregavam leveza, e ao mesmo tempo chamavam a atenção tornando-se, provavelmente, um dos atrativos para sua aquisição (PINTO, 2010:601).

Porém, nem todas as imagens d'A Lanterna buscavam provocar risadas, algumas delas intencionavam provocar o leitor à indignação e revolta sobre determinada situação, ora específica a um acontecimento, ora ao funcionamento da sociedade. “As imagens pictóricas (cuja técnica recorrente era o desenho e a gravura) fortaleciam o caráter revolucionário dos jornais que funcionavam como verdadeiros libelos sociais.” (KOSSOY, 2003:13). Como a **Imagem 5** sugere, acreditavam numa exploração voraz da Igreja em união com o “burguês” que visa sugar toda a energia do homem.



Imagem 5 – A Lanterna, 1913, Ano 12, n. 181, p.1

No desenho (**Imagem 5**) podemos identificar um homem curvado de joelhos e com as mãos no chão, apenas com calças esfarrapadas e sem calçado refletindo sua pobreza e miséria, sendo que há duas pessoas montadas sobre este sujeito, um padre, identificável pela vestimenta escura, uma cruz no pescoço, e um burguês devido à cartola. A paisagem revela um sombreiro mexicano para caracterizar o local onde se passa o episódio, alguns crânios pelo chão demonstrando que muitos já se passaram por este local e não sobreviveram, enfim, um urubu sobrevoa sugerindo que apenas espera a morte de mais um para fazer sua refeição. A ação é muito simples, o padre guia o homem ao chão usando uma cruz como isca, ou seja, explora as energias do sujeito através da “ilusão” criada pela fé, e junto com este padre vem o “burguês” realçando a união entre as duas partes. O título da imagem generaliza ação dizendo que essa situação não é apenas do povo mexicano, mas de todo mundo, e logo abaixo aparece uma legenda que auxilia a interpretação da charge, “é esta a missão do padre: embrutecer o povo com suas intrugices, para que ele se submeta ao domínio da exploração do seu patrão – o Capitalismo.”

Outra forma de representar o padre nas imagens divulgadas n’A *Lanterna* era através da zoomorfia, ora comparando-o com corvos e urubus por uma analogia com a vestimenta preta do padre e também pelos hábitos alimentares, criando a idéia de que os sacerdotes eram capazes de tudo para manter seu poder, ora por outros animais, como a cobra aludindo à idéia de um ser não-confiável.



Imagem 6 – A Lanterna, 1911, Ano 10, n. 110, p.1

Está claro que o sujeito principal representado na **Imagem 6** é um padre, pela sua vestimenta e corte de cabelo (tonsura). A expressão do personagem reflete sua ação: com o rosto franzido e com traços malévolos lança suas garras (vide o tamanho desproporcional da mão) contra pessoas, levando a crer que as jogará dentro do saco (que evidentemente já está cheio de pessoas, devido o volume da imagem) que carrega em seu ombro. Um detalhe importante é a forma desproporcional às pessoas que supostamente ele está agarrando, portanto constatamos que ele é um gigante, melhor, um monstro, e para o anarquista um monstro social. Outro detalhe importante é o rabo, visivelmente de suíno, que este ser possui, demonstrando o quão grande é seu apetite. Enfim, para esclarecer o desenho vem a legenda, “uma nova especie de animal” “um bicho que a zoologia ainda não definiu e que é aparentado com as famílias dos pachidermes, dos reptis e dos... anthropophagos...”, a partir disso a ação da imagem fica muito mais simples de ser analisada, como disseram aparenta com os paquidermes, justificando, portanto, seu tamanho desproporcional aos demais, e são antropófagos, ou seja, se alimentam de seres humanos, sendo assim já imaginamos o que está por vir, este padre zoomorfizado está capturando pessoas que futuramente serão sua alimentação. Enfim, a questão simbólica procura alertar os leitores para terem cuidado com os

padres, pois seus objetivos não são nada mais que explorar os homens para benefício próprio, para aumentar seu próprio poder.

Pudemos observar qual era a pretensão dos editores d'A *Lanterna* ao usar as imagens como estratégia de propaganda e pedagogia das idéias libertárias e anarquistas. A crítica sobre o clero era contundente, mas também abriam espaço sobre outras questões ideológicas, utilizando charges e caricaturas, ora para o riso, ora para a revolta. Buscavam relevar as mazelas do “estado burguês” em parceria com a Igreja Católica.

Portando, acreditamos que este trabalho e a pesquisa em andamento que o proporcionou possam abrir a reflexão e o olhar para outras fontes de pesquisa que consideramos importantes, as imagens. Além disso, podemos estudar o anarquismo no Brasil através de outro prisma, podendo a partir daí enriquecer o conhecimento em torno deste tema da historiografia.

FONTES

– *A Lanterna (São Paulo)*

Ano 11, n. 110, 28 de outubro de 1911

Ano 12, n. 142, 9 de junho de 1912

Ano 13, n. 181, 8 de março de 1913

Ano 14, n. 260, 12 de setembro de 1914

Ano 16, n. 289, 1 de maio de 1914

Obs.: Todas as fontes citadas foram disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa operária no Brasil. 1880-1920. Petrópolis: Vozes. 1978.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. A imagem como instrumento da luta anarquista. In: ____, Alberto (org.). Imagens anarquistas. Análises e debates. Col. História na comunidade. Vol. 2. Londrina: UEL. 2009.

_____, Alberto. A representação visual da justiça nos periódicos anarquistas (1901 e 1927). Anais: II Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina: UEL. 2009. pp. 356-364.

_____, Aracely Mehl; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. A educação nas folhas do jornal “A Plebe”: 1917-1919. Publ. UEPG Cl. Hum. Apl. Ling., Letras e Artes, Ponta Grossa, 16 (2): 359-368, Dez. 2008.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. 2 edição. Campinas: Papyrus. 1996.

KOSSOY, Boris. O jornalismo revolucionário ilustrado. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; _____, Boris (orgs.). A imprensa confiscada pelo Deops: 1924-1954. São Paulo: Atelié Editorial. 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006.

OLIVEIRA, Walter da Silva. Narrativas à luz d’a “Lanterna”: anticlericalismo, anarquismo e representações. 2008. 130 p. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: _____, Erwin. Significados nas Arte Visuais. 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva. 2002.

PINTO, M.. O anticlericalismo do jornal A Lanterna - Mídia alternativa na Era Vargas. Revista Extraprensa, América do Norte, 1, dez. 2010. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/extraprensa/article/view/s-ses2-15>. Acesso em: 12 Fev. 2011.

RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985.

SIMÕES, Daniel Soares. Antiprotetantismo, Neocristandade e Paradigma Tridentino na Obra “O Anjo das Trevas” (1936). Cadernos de História. Ano I. n. 2. 2006

TOLEDO, Edilene T. O amigo do povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. 1933. 139 p. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

VOVELLE, Michel. Imagens e imaginário na história. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ed. Ática. 1997.